

Dívida externa

CORREIO BRAZILIENSE

ECONOMIA

cai no mercado secundário

Nova Iorque — A dívida externa de cinco países latino-americanos — Brasil, Chile, Colômbia, México e Venezuela — baixou no mercado secundário de capitais, segundo um informe da firma especializada Shearson, Lehman e Hutton, que reflete as dificuldades para aplicar o Plano Brady no Terceiro Mundo.

O índice da dívida dos países em desenvolvimento, preparado mensalmente por Shearson, Lehman e Hutton, indica a cotação no mercado secundário dos valores de oito países latino-americanos, junto a Filipinas, Polônia e Iugoslávia. Segundo este índice, a cotação média da dívida desses países foi de 34,4 por cento de seu valor nominal, em outubro.

A dívida comercial do Brasil — a mais alta do mundo, com 80 bilhões de dólares — registrou a queda mais acentuada, sendo cotada a somente 26 a 27 centavos por dólar nominal contra 30 a 31 centavos no mês passado, sem dúvida devido à suspensão do pagamento de juros aos principais bancos norte-americanos.

Ainda que levemente, a dívida comercial do Chile também baixou no índice estabelecido por Shearson, Lehman e Hutton, ao passar de 64 a 65 centavos de dólar no mês passado para 62 a 63 centavos atuais. Entretanto, a cotação da dívida chilena no mercado secundário de valores continua sendo consideravelmente mais alta que a média estabelecida

pela firma norte-americana especializada.

ALUNO MODELO

A dívida da Colômbia, o outro "aluno modelo" do Terceiro Mundo, também baixou em leve porcentagem, ao situar-se em 66 a 67 centavos por dólar nominal, enquanto que no mês passado era cotada em 66 a 68 centavos. A dívida externa comercial da Colômbia — estimada em 7 bilhões de dólares — é muito apreciada pelos bancos comerciais, a ponto que registra as cotações mais elevadas do mercado secundário.

Por outro lado, a dívida comercial mexicana — estimada em 74 bilhões de dólares — diminuiu sensivelmente ao se cotar em 39 a 40 centavos em dólar nominal, o nível mais baixo desde março passado, quando se começou a discutir sua redução no contexto do Plano Brady. Provavelmente, isto se deve à reação dos bancos ao acordo básico alcançado com o comitê de bancos credores de Nova Iorque, o que deixa pressagiar certas dificuldades na obtenção de dinheiro novo, segundo os especialistas.

A dívida venezuelana também diminuiu levemente no mercado secundário, com uma cotação de somente 40 a 41 centavos por dólar, em relação aos 41 a 42 centavos no

mês passado. A lentidão do processo de negociações iniciados em Nova Iorque parece ter influído negativamente na cotação da dívida venezuelana que, entretanto, se mantém a um nível consideravelmente mais alto que a média de 11 países estabelecida pela firma norte-americana especializada.

ARGENTINA

Por sua vez, a dívida peruana subiu de 4 a 6 centavos de dólar no mês passado para 6 a 7 centavos em outubro, movimento que não é considerado significativo pelos especialistas e que reflete em definitivo a ausência de interesses do mercado secundário de valores, já que o Peru continua em moratória há muito tempo.

Talvez mais importante, a dívida comercial Argentina — estimada em uma quantia próxima aos 40 bilhões de dólares — continuou a um nível muito baixo, 17 a 18 centavos de dólar, ou seja, a mesma cotação de junho passado, indicando que as instituições financeiras ainda não respondem às medidas adotadas pelo novo presidente Carlos Menem.

Finalmente, o informe precisou que a dívida comercial equatoriana se manteve estável no mercado secundário de valores, em 15 a 16 centavos de dólar, na ausência de fatos capazes de modificar essa cotação.